

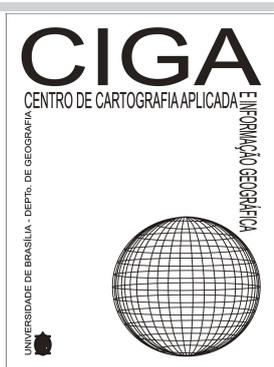
Artigo

ANÁLISE DOS LIVRO DIDÁTICO "CONEXÕES: ESTUDOS DE GEOGRAFIA GERAL E DO BRASIL"

Milena da Conceição Gomes da Silva

p. 52-65

Revista



T - T - T

Revista Eletrônica:
Tempo - Técnica - Território,
V.11, N.1 (2020), 52:65
ISSN: 2177-4366

Como citar este artigo:

Silva, M.C. G.
ANÁLISE DOS LIVRO DIDÁTICO CONEXÕES: ESTUDOS DE
GEOGRAFIA GERAL E DO BRASIL - Revista Eletrônica: Tempo -
Técnica - Território, v.11, n.1 (2020),p.52:65 ISSN: 2177-4366.

Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/ciga/>

Este obra está licenciado com uma Licença
Creative Commons Atribuição - Não Comercial
4.0 Internacional.

ANÁLISE DOS LIVRO DIDÁTICO “CONEXÕES: ESTUDOS DE GEOGRAFIA GERAL E DO BRASIL”

Milena da Conceição Gomes da Silva

Graduanda em Geografia pela Universidade de Brasília, Disciplina GEOAFRO - 1º Semestre 2020. E-mail: the.olimpiansnightmare@gmail.com

Resumo: O presente artigo analisa a abordagem do livro didático “Estudos de Geografia Geral e do Brasil” a respeito da matriz afrobrasileira. Examinando os conceitos básicos para a formação do pensamento geográfico, evidencia-se o discurso e a representação da população afrobrasileira em ambiente escolar. Tendo sempre em vista os desafios de se fazer cumprir as normativas educacionais vigentes e o desafio por uma educação antirracista pensada para a ampla cidadania.

Palavras-chave: Geografia Afro-brasileira, Educação, Livro didático, Representatividade, Estereotipagem

Abstract: This article analyzes the textbook approach “Studies of General and Brazilian Geography” regarding the Afro-Brazilian matrix. Examining the basic concepts for the formation of geographic thinking, the discourse and representation of the Afro-Brazilian population in the school environment is evident. Always bearing in mind the challenges of enforcing current educational regulations and the challenge of anti-racist education designed for broad citizenship.

Keyword: Afro-Brazilian Geography, Education, Textbook, Representativeness, Stereotyping

1. FAÇA A FICHA TÉCNICA DO LIVRO (AUTOR, EDITORA, ANO DE PUBLICAÇÃO, EDIÇÃO, ETC) E DESCREVA RESUMIDAMENTE COMO SE APRESENTA A ESTRUTURA DO LIVRO DIDÁTICO (UNIDADES, CAPÍTULO, ITENS, ETC).

TERRA, Lygia. Conexões: estudos de geografia geral e do Brasil: volume único / Lygia Terra, Regina Araújo, Raul Borges Guimarães. — 1. ed. — São Paulo: Moderna, 2008.

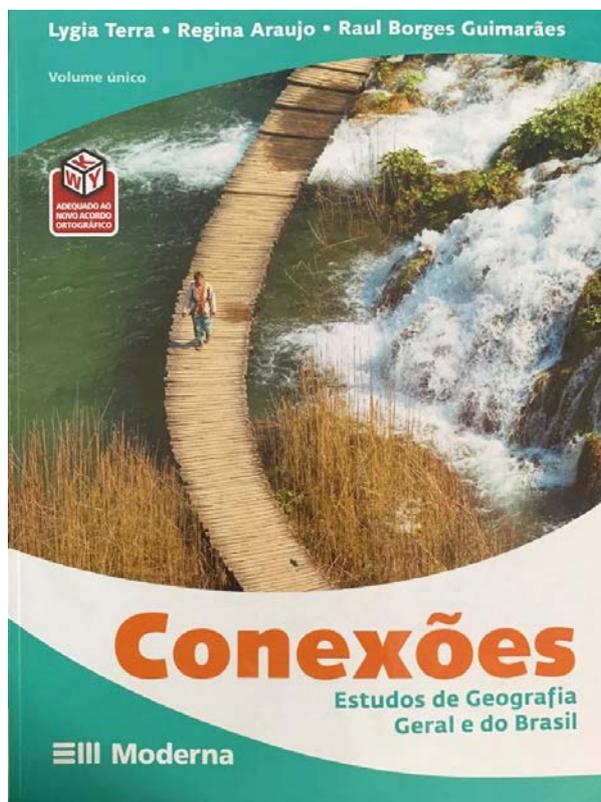


Figura 1. Capa do livro Conexões: Estudos de Geografia Geral e do Brasil Fonte: Editora Moderna, 2008

O Conexões é, de acordo com os autores, uma obra integrada de Geografia Geral e Geografia Física do Brasil destinada para alunos do ensino médio. Está estruturado na forma de trinta e dois capítulos, distribuídos em oito unidades temáticas, juntamente de um caderno especial — Geografia da América Latina, composto por três capítulos. As unidades são constituídas de:

- I. **Abertura da unidade:** que traz fotos ilustrativas dos conteúdos que serão abordados e sua relação com os capítulos que o compõem;
- II. **Abertura do capítulo:** que apresenta ferramentas de análise dos fenômenos geográficos (mapas, gráficos, tabelas e fotos) sempre contextualizados com a temática a ser estudada;
- III. **Infográficos:** inseridos ao longo do livro, trazendo elementos da linguagem visual dos meios de comunicação, renovando e dinamizando a abordagem do livro didático;
- IV. **Exploração das imagens:** sistematicamente exploradas por meio de breves questões orais, que estimulam a troca de ideias e de experiências em sala de aula, envolvendo a participação efetiva dos alunos no processo de ensino-aprendizagem;
- V. **Quadros:** trazendo informações complementares, textos informativos, aprofundamento conceitual, ou exemplos relacionados a aspectos estudados no capítulo;
- VI. **Agora é a sua vez:** seção de atividades, onde os alunos são convidados a refletir com mais profundidade sobre os conceitos e temas em discussão e a aplicá-los em situações concretas ou mais próximas de sua realidade;
- VII. **Novos rumos:** seção relatando experiências e ações inovadoras protagonizadas

- pelo poder público e pela sociedade civil, sinalizando que é possível reagir positivamente aos problemas do mundo contemporâneo;
- VIII. **Estudo de caso:** esta seção exemplifica ou propõe uma abordagem mais verticalizada de algumas questões da realidade contemporânea relacionadas aos conteúdos do capítulo;
- IX. **Mãos à obra:** apresentando atividades ao final de cada capítulo. Tem início com pelo menos um exercício de interpretação cartográfica e, a seguir, propõe questões de revisão e de aplicação que contemplam os principais conceitos e conteúdos do capítulo;
- X. **Dossiê Conexões:** tratando-se de uma proposta didática para incentivar os alunos a exercitar suas próprias conexões;
- XI. **Explorando outras fontes:** apresenta sugestões de filmes, sites e livros que aprofundam e complementam os temas explorados no capítulo;
- XII. **Páginas especiais:** as fotos do dossiê, em páginas destacáveis no final do livro, devem ser colecionadas, compondo um arquivo pessoal, juntamente com outros materiais pesquisados pelos alunos.

2. É POSSÍVEL DETECTAR A CONCEPÇÃO DE GEOGRAFIA QUE O LIVRO EXPLICITA? POR EXEMPLO, CRÍTICA, CONSERVADORA, DESCRITIVA, DENTRE OUTRAS.

O *Conexões* demonstra várias narrativas ligadas a concepções diferentes relacionadas à geografia, uma vez que o objetivo do autor é, em suma, juntar e resumir diversos assuntos geográficos, de acordo com o acordo nacional de ensino para alunos do ensino médio. É de consideração dos escritores demonstrar as dinâmicas de mundo contemporâneo que explicitam a dinâmica de espaço nacional dotado de economias favorecidas. Dominando, então, o cenário ordinário, cuja característica primordial é a propiciação intensa em uma formação d’um jogo político global. Sua principal característica é a capacidade de distinção dos espaços nacionais apontados por sua pobreza, ocupando, assim, função à margem dentro de um sistema internacional.

Segundo os autores, a escrita do volume tem o objetivo de permitir os estudantes a se apropriarem dos conhecimentos, linguagens e justaposições para, então, refleti-los acerca da diversidade de pensamento, de culturas, disparidade econômica e os processos de integração dos fenômenos espaciais supracitados. É explicitada a linha crítica na argumentação que explicita a intensa e profunda desigualdade envolvida no espaço geográfico, tal como este também possa vir a ser constituído pelas mais diversas formas de interações e justaposições.

3. QUAL O CONCEITO DE ESPAÇO GEOGRÁFICO ADOTADO PELO LIVRO? ELE ESTÁ EXPLICITO?

Os autores explicitam durante a apresentação do livro-texto sua visão de que o estudo da geografia está intrinsecamente ligado ao estudo e análise de espaço, e acreditam que este é um importante dimensão da vida social. Para isso, a visão de espaço adotada por Terra, Araújo e Guimarães está entrelaçada com o conhecimento de que o espaço geográfico é dinâmico, vivo e aberto às variáveis do futuro. Uma das citações usadas por Terra, demonstram com maior eficácia este ponto de vista:

“Imaginar o espaço como sempre em processo, nunca como um sistema fechado, implica insistência constante [...] sobre a genuína abertura do futuro.

Neste espaço aberto [...] há sempre conexões ainda por serem feitas, [...] relações que podem ou não se realizar. [...] Para que o futuro seja aberto, o espaço também deve sê-lo.” (MASSEY, 2008, p. 29-30)

Assim, é correto afirmar que esses acreditavam que a dinâmica das sociedades está inscrita na constituição do espaço em seu sentido puramente geográfico, em suma, na ideia de que este dá-se pelo espaço produzido pelos seres humanos, em suas mais diversas escalas. Muitos dos contextos aqui explicitados foram trabalhados de forma a manifestar o papel do caso brasileiro em detrimento da dinâmica global, uma vez que é importante para o estudante a visão do espaço vivido na formação do saber em foco.

4. EXISTE ALGUM CAPÍTULO QUE ABORDE AS QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS NO BRASIL? COMO ELE SE APRESENTA?

Sim, existe. Na realidade, o Conexões possui uma unidade inteira com o intuito de expor uma análise crítica acerca de questões étnico-raciais, bem como apresenta um breve resumo da maneira como deu-se a formação da dinâmica populacional brasileira.

Está localizada na sexta unidade do livro-texto, seguindo um plano de ensino onde primeiro é exposto geografia da sociedade — espaço onde é abordado temas tais como conflitos regionais na ordem global, dinâmicas demográficas, migrações internacionais e novas identidades e desigualdade e exclusão no mundo e no Brasil — e seguido de perto pela unidade que trata-se da geografia da produção, espaço direcionado para discussão de aspectos de: urbanização e seus impactos sociais, espaço industrial, meio rural e suas transformações, questão energética e, por fim, fluxos e sistema de transporte.

A unidade seis possui duração de 42 páginas e é composta por três capítulos norteadores, cujos títulos são: População e diversidade cultural do Brasil; Brasil: apropriação do território e migrações internas e Mudanças na demografia brasileira. Porém, apesar de haver uma unidade extensa sobre questões étnico-raciais, a contribuição da diáspora africana para a constituição da sociedade brasileira é bastante breve e resumida, aparecendo com clareza durante as primeiras quatro páginas do primeiro capítulo da unidade. Depois disso, a questão negra ainda é abordada, porém com menor intensidade em capítulo e unidades dispersas, dando lugar para apresentação de novas dinâmicas migratórias como a europeia, distribuição indígena, entre outros.

5. EXISTEM EXPLICAÇÕES SOBRE O SISTEMA ESCRAVISTA VIGENTE QUASE QUATRO SÉCULOS NO BRASIL COLONIAL IMPERIAL? COMO ELE É TRATADO?

Existem explicações especializadas ao longo do texto com o intuito de explicar o motivo de algumas dinâmicas sociais, especialmente quando fala-se da agricultura e urbanização do país, porém o tema é tratado com maior enfoque durante o capítulo 7, localizado na segunda unidade. Esse capítulo tem como objetivo expor as dinâmicas territoriais e econômicas do Brasil, em uma tentativa de orientar os alunos a respeito do ordenamento do espaço.

Com a duração de 13 páginas, quatro delas foram utilizadas para resumir o sistema

colonial brasileiro e, pelo curto tempo utilizado para falar sobre os seguintes temas, foram escolhidos para representar esse período a exploração de cana de açúcar, a busca por ouro e metais preciosos e, por fim, a rota do café.

A utilização da mão de obra escrava foi explicada sob perspectiva da colonização portuguesa, uma vez que foi observado bastante enfoque no aspecto econômico do processo. Sobre os impactos da escravidão, o autor argumenta que

“Para o continente africano, as consequências do tráfico negreiro foram desastrosas: milhões de mulheres, crianças e homens africanos foram perseguidos e arrancados de seus territórios e casas e trazidos à força para o continente americano. Os africanos que se aliavam com os colonizadores passavam a se especializar na caça de pessoas para escravizar em troca de algumas mercadorias. Rivalidades acentuadas pelo colonizador com o infame comércio de seres humanos fizeram com que diversos povos se voltassem uns contra os outros e reinos inteiros fossem destruídos. As relações sociais e a organização tradicional de centenas de povos foram desestruturadas, e ecos dessas rivalidades repercutem até a atualidade.” (TERRA, 2008, p. 99)

É necessário evidenciar que foi demonstrado de forma explícita as diferenças do modelo escravagista brasileiro com o modelo de escravidão africana, que já acontecia dentro do continente, apesar de ter acontecido apenas em um parágrafo, ou seja, não houve nenhum tipo de aprofundamento ou explicação mais detalhada.

Na figura 2, que faz referência ao quadro 7.1 retirado do livro-texto, foi utilizado a obra *O jantar no Brasil* de Jean-Baptiste Debret como exemplo para explicitar a diferença de tratamento presente entre colonos e escravizados durante a época do Brasil-Colônia. Nele, é proposto aos estudantes, após a análise do texto de Laima Mesgravis, um comentário oral a respeito do modo de vida dos senhores e dos escravos, com o intuito do aluno começar a estimular o pensamento crítico sobre essa situação.

Porém, é importante salientar que, nessa realidade, apenas o livro em si não traria informações suficientes para que o aluno conseguisse entender sobre a dinâmica escravo-colono, sendo preciso amparar-se em outras formas de conhecimento prévios tais como interdisciplinaridade com disciplinas análogas a história ou disponibilidade do professor para montar uma aula teórico mais incrementada sobre a temática a fim de preparar melhor a turma para um debate mais vasto e eficiente.

Quadro 7.1**Senhores e escravizados**

“Gandavo visualizou o Brasil como a solução para os pobres de Portugal que aqui chegando poderiam enriquecer ou pelo menos viver fartamente.

Com quatro ou seis escravos que podiam ser adquiridos com cerca de dez cruzados, qualquer colono vivia folgadoamente, porque uns caçavam e pescavam e outros produziam mantimentos para si mesmos e seus donos. Desta forma podiam viver com padrão da nobreza sem trabalhar com as mãos e muito mais folgadoamente que em Portugal. Gabriel Soares de Sousa, colono bem-sucedido, gabava a riqueza e os requintes do estilo de vida dos senhores de engenho que se vestiam e às suas famílias com tecidos preciosos como sedas, veludos e damascos, privativos da nobreza. Tinham cavalos muito valiosos e bem arreados e usavam em suas casas muitas baixelas de prata onde serviam fartos banquetes aos visitantes.”

MESGRAVIS, Laima. *O Brasil nos primeiros séculos*. São Paulo: Contexto, 1989. p. 54.



O jantar no Brasil, litografia de Jean-Baptiste Debret, início do século XIX.

Analise o texto e a figura e comente, oralmente, o modo de vida dos senhores e dos escravizados.

Figura 2. Quadro Senhores e escravizados. Fonte: Editora Moderna, 2008

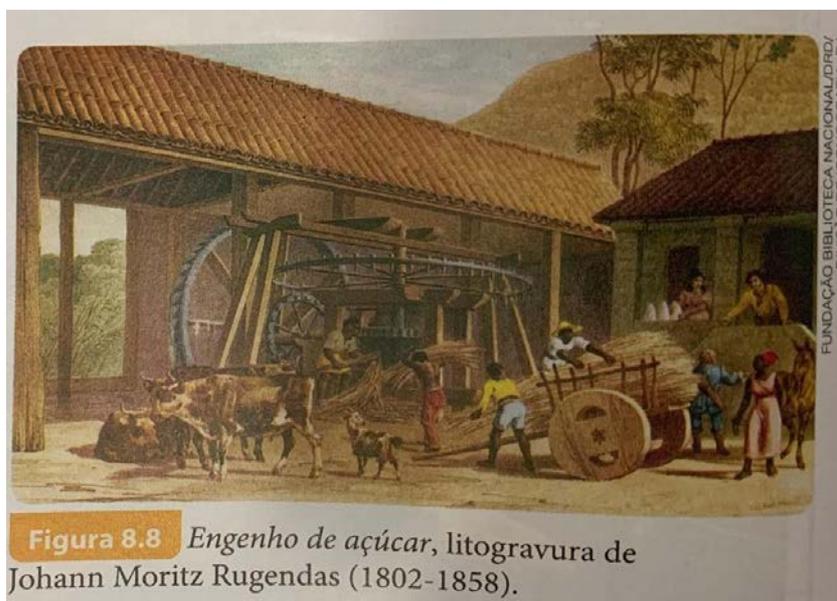


Figura 3. Litogravura Engenho de açúcar, de Johann Moritz Rugendas (1802-1858)
Fonte: Editora Moderna, 2008

6. O LIVRO APRESENTA IMAGENS DE CONTEXTOS AFRO BRASILEIROS DE MANEIRA ESTEREOTIPADA?

Foi notada escassez de figuras que exponham pessoas de cor durante os capítulos. Em sua maioria essas gravuras estão inseridas no contexto de escravidão — quando mostrada no Brasil, sobretudo colonial — ou, quando como exemplos de países subsaarianos que estão anexados no mapa da fome, em migração ou em situação de vulnerabilidade.

Ainda que esta tenha sido usado em um contexto onde o afro-brasileiros, em si, não foram inseridos, chamou atenção como ainda é recorrente o retrato estereotipado envolvendo corpos pretos no lugar de vítimas de tragédias de diversos tipos, sobretudo ao usá-los como comparação à de crianças brancas, com o intuito de explicitar cenas de desigualdade econômica e social.

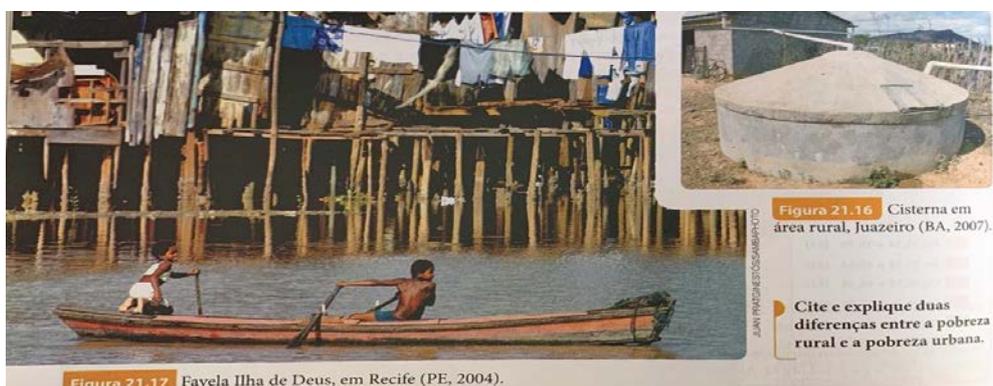


Figura 4. Exemplo de atividade do livro didático. Fonte: Editora Moderna, 2008

1. Inserção desigual dos países na economia mundial



Figura 4.1 À esquerda, menina em lanchonete em Munique (Alemanha, 2007). À direita, crianças refugiadas à espera de comida na Província de Katanga (Congo, 2005).

Comente a desigualdade entre o nível de vida dessas duas populações, uma vivendo na Alemanha e outra no Congo.

Figura 5. Exemplo usado para mostrar desigualdade econômica tirado do livro. Fonte: Editora Moderna, 2008

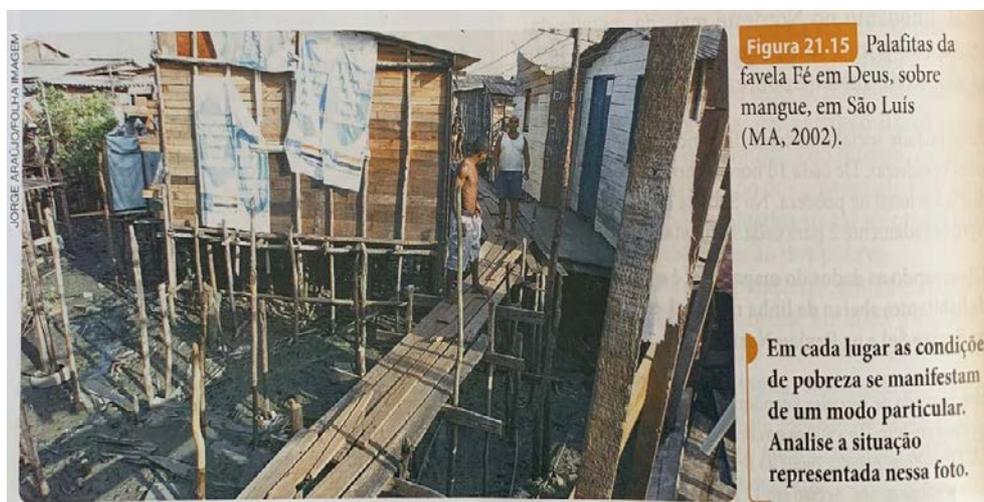


Figura 21.15 Palafitas da favela Fé em Deus, sobre mangue, em São Luís (MA, 2002).

Em cada lugar as condições de pobreza se manifestam de um modo particular. Analise a situação representada nessa foto.

Figura 6. Atividade de comparação sobre pobreza entre campo-cidade. Fonte: Editora Moderna, 2008

7. EXISTEM REFERÊNCIAS (TABELAS, MAPAS, TEXTOS, ETC.) SOBRE A DIVISÃO DA SOCIEDADE BRASILEIRA POR GRUPO ÉTNICO E/OU “CÔR”? SE HOVER ELA É SEGUIDA DE UMA REFLEXÃO CRÍTICA?

Durante o capítulo 23, principalmente, foram expostas algumas referências que demonstraram essa divisão sócio-espacial, (mapa da figura 7) que correlaciona dois tipos de informações relativas ao tamanho dos círculos e o número absoluto de habitantes de cada região brasileira. Evidenciando, de acordo com as cores da legenda, a proporção de tamanho da população brasileira com as determinadas cores de pele, segundo dados

retirados do IBGE. Após a análise do gráfico, é proposto aos alunos a atividade de identificar quais regiões com maior número de brancos, em termos absolutos e relativos, fazendo relação ao texto explicativo que acompanha a mesma página.

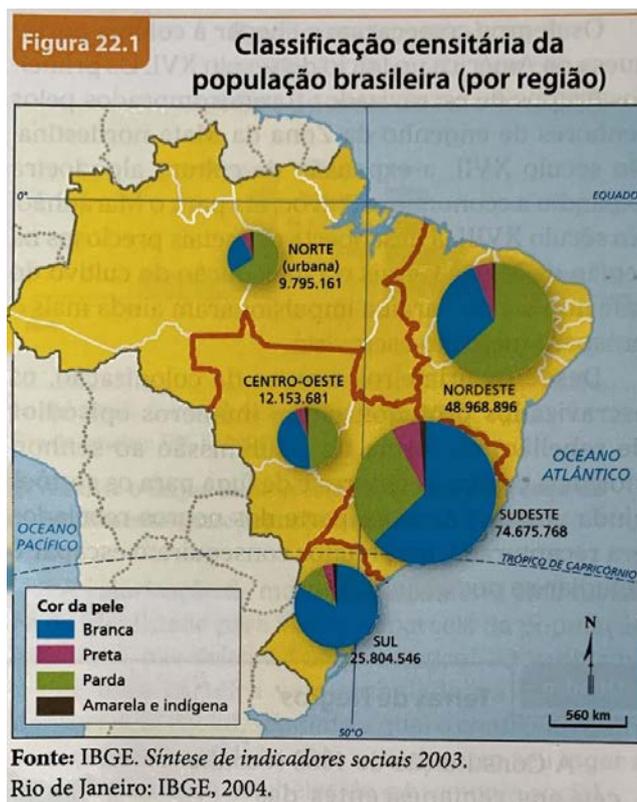


Figura 7. Mapa IBGE sobre classificação censitária da população brasileira. Fonte: Editora Moderna, 2008

Nela, discorre-se alguns parágrafos que explicitam a reflexão a respeito da distribuição racial da sociedade nacional: é contextualizado a classificação do IBGE para determinação dos cinco grandes grupos de cor, elucidando seus critérios de inexistência e mostrando o caso da Região Metropolitana Salvador durante os censos durante os anos 1991 e 2000, onde a porcentagem de autodeclaração de pretos dobrou devido a movimentos de identidade étnica e raízes culturais, porém não foi citado nenhum exemplo desses movimentos, tampouco foram citados nomes de representantes ou breve resumo de suas jornadas.

O termo pardo foi saltado aos olhos como genérico e, segundo autores, adotado por cafuzos, caboclos e mulatos, explicitando a miscigenação ocorrida no território nacional. A diáspora negra, por sua vez, foi apresentada pelo contexto da colonização, exibindo o contexto comercial da escravidão negra, apresentando, com esse intuito, dados sobre estimativa de escravos que aportaram na América portuguesa, mesmo depois da proibição do tráfico negreiro, em 1850.

8. NO LIVRO HÁ REFERÊNCIAS SOBRE A SITUAÇÃO SOCIAL, ECONÔMICA E POLÍTICA DOS AFRO BRASILEIROS NO PAÍS?

Ainda sobre o capítulo 23, as páginas seguintes possuem a intenção de oferecer explicações sobre a organização sócio-espacial dos afrodescendentes, focando-se especialmente no contexto escravocrata e colonial do qual estes foram inseridos. O texto presente na página 354, por exemplo, possui como título “A herança da escravidão” e pretende trazer um apanhado de informações relativas ao mercado escravista e cita episódios de revolta popular e rebeliões, embora não tenha sido mencionado nenhuma delas como exemplo factível para pesquisa posterior.

Contudo, é o local escolhido para promover ao leitor explicações acerca de quilombos e comunidades insurgentes na luta afro-brasileira, usando-se de mapas (figura 8) e mais algumas explicações em forma de quadro para fazer-se entender. Ao Quilombo de Zumbi dos Palmares o título de maior e mais famoso destes, embora tenha-se explicado que foi-se na verdade uma Confederação de quilombos de menor intensidade. Como tentativa de aprofundar-se, os autores também citam

Além de Palmares, foram criadas outras centenas de quilombos, em vários pontos da América Portuguesa. Até hoje, os descendentes dos negros rebelados lutam pelo direito às terras que pertenceram às comunidades quilombolas. (TERRA, 2008, página 354)

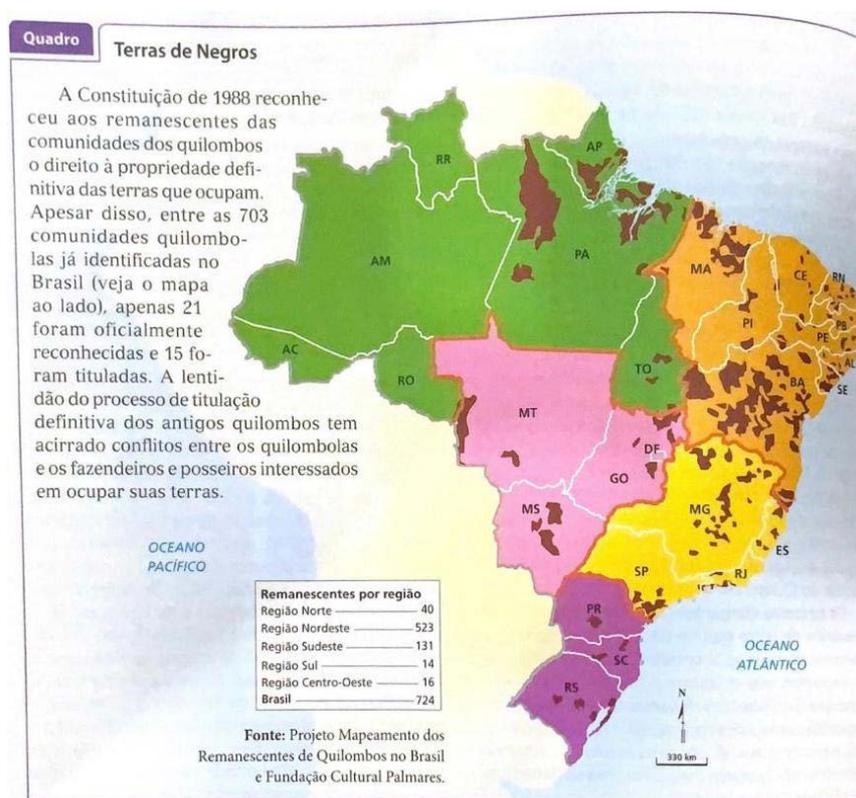


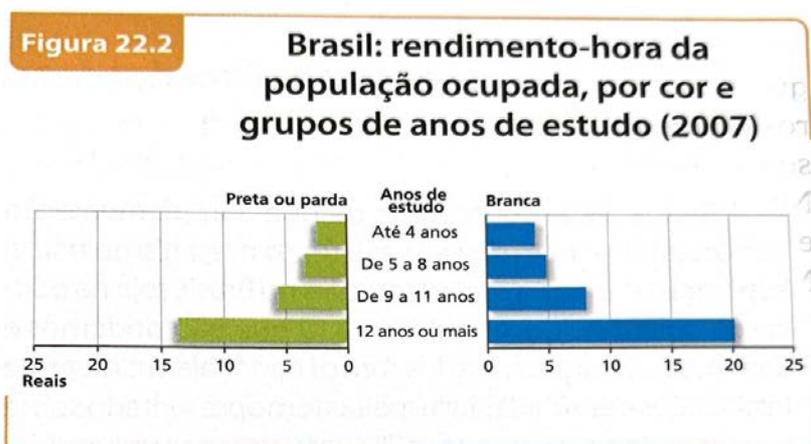
Figura 8. Quadro “Terra de Negros”, onde dá-se maiores explicações sobre distribuição de terras quilombolas. Fonte: Editora Moderna, 2008.

9. EXISTE ALGUMA EXPLICAÇÃO NO LIVRO PORQUE OS DESCENDENTES DO CONTINENTE AFRICANO NO BRASIL POSSUEM POSIÇÃO DESIGUAL NAS QUESTÕES LIGADAS AO TRABALHO, SAÚDE, EMPREGO E EDUCAÇÃO, PRINCIPALMENTE?

Ainda seguindo pela análise proposta no capítulo 23, a análise sobre a população afro-brasileira segue na página seguinte (355), agora sob o título de “Mulatos e mestiços”. Nessa passagem, os autores destacam os termos chaves — e com isso referindo-se àqueles que estão grifados ao longo dos parágrafos — tais como “colonização de exploração”, “miscigenação”, “teoria da democracia racial” e “políticas afirmativas” para elaborar ao leitor a narrativa expositiva de problemas de cunho sistêmico.

O racismo é mencionado como uma das causas principais para o lugar proposto para os descendentes de escravos na sociedade brasileira. A Lei de Terras de 1850 é mencionada páginas acima, sob o contexto da substituição da mão de obra escrava e contexto de migração europeia no país. Porém, dá-se o tom de que este pensamento é de algum modo arcaico e “o racismo tradicional” tenha sido abandonado em vista de ideais progressistas de valorização à miscigenação e seu resultado, ou seja, o mulato, pelo menos na teoria. É mencionado, da mesma forma, os paradigmas causados pela exclusão social e econômica.

Durante a exposição, foram usadas tabelas e dados estatísticos de taxa de analfabetismo, rendimento médio dos trabalhadores negros e desvantagem salarial (figura 9), figura esta que é usada para sugestão de atividade para análise do impacto da escolarização entre brancos e negros no Brasil. Na página seguinte, foi utilizada a lei de cotas nas universidades públicas durante a seção de Estudo de Caso (figura 10), abordando dois textos de diferentes opiniões para posterior debate em classe.



Fonte: IBGE. *Síntese de indicadores sociais 2007*.
Rio de Janeiro: IBGE, 2008.

Analise o impacto da escolarização na diferença de rendimento entre brancos e negros no Brasil.

Figura 9. Atividade proposta pelo livro didático para os alunos sob a temática da diferença de rendimento entre brancos e negros. Fonte: Editora Moderna, 2008.

Estudo de caso

As cotas para afro-descendentes na universidade pública

Texto 1

“Temos plena consciência de que a implementação das cotas não é nem deverá ser o único mecanismo para a superação das desigualdades raciais no Brasil, seja na educação ou em qualquer outra área. O que não podemos é continuar de braços cruzados com os dados alarmantes que instituições e entidades insuspeitas têm apresentado sobre o assunto, tais como: apenas 2% das vagas nas universidades públicas são ocupadas por afro-descendentes. [...] Assim como não podemos admitir que inúmeros talentos existentes na comunidade negra brasileira continuem sendo impedidos de se desenvolverem por conta de um sistema de seleção como o vestibular, que é considerado por quase todos os especialistas da área como inadequado, insuficiente e excludente. Portanto, diante deste quadro gravíssimo de exclusão, o que nós temos feito é sensibilizar nossos governantes, a mídia, a imprensa, os professores, as universidades e a sociedade como um todo da emergência deste tema para a plenitude da democracia brasileira. Mais ainda, a pesquisa realizada pela Uneb (Universidade do Estado da Bahia) sobre o desempenho dos alunos cotistas, em comparação com os demais alunos, é simplesmente excelente; rendimento escolar igual ou acima da média dos demais e evasão escolar menor que os demais, contrariando, assim, a tese de que este mecanismo propiciaria a redução da qualidade do ensino nestas instituições.”

ARAÚJO, Zulu. Fundação Cultural Palmares. Disponível em <http://www.palmares.gov.br>. Acesso em 20 out. 2004.

Texto 2

“De nada adianta adotar o regime de cotas na universidade, se a escola elementar e a escola média continuarem na indigência em que se encontram. A decadente qualidade de ensino nesses níveis de escolarização é que constitui uma das principais fábricas de injustiça social neste país, e não só de injustiça racial. A porta dos fundos não fará justiça a ninguém. Os alunos que são barrados no vestibular não o são por sua raça. Eles o são, negros ou brancos, porque não atingem o nível mínimo e básico de conhecimento para ingressar na universidade. Seu destino é decidido na precária escolaridade prévia que os inabilita para seguir adiante. A escola deficiente é apenas o reflexo de outras muitas injustiças próprias de um país em que ainda há trabalho escravo. A crônica degradação geral das condições de vida de grande parcela da população não será corrigida com o regime de cotas. A cota não supre o saber inexistente e necessário para seguir um bom curso universitário. [...] A proposição do regime de cotas é apenas uma indicação dos sintomas de nossas enfermidades sociais. Mas dificilmente será o remédio, enquanto a máquina poderosa de exclusão continuar funcionando e a sociedade e o Estado se mostrarem tão pouco criativos no diagnóstico e na solução.”

MARTINS, José de Souza. Cota para negros na universidade. *Folha de S.Paulo*, 25 maio 2003. Disponível em www.folha.com.br. Acesso em 20 out. 2004.

■ Esses textos apresentam diferentes argumentos a respeito das cotas para afro-descendentes nas universidades públicas. Compare-os e responda.

- Qual deles é favorável às cotas e que argumentos utiliza?
- No texto contrário às cotas, haveria alguma ideia comum com o outro texto?

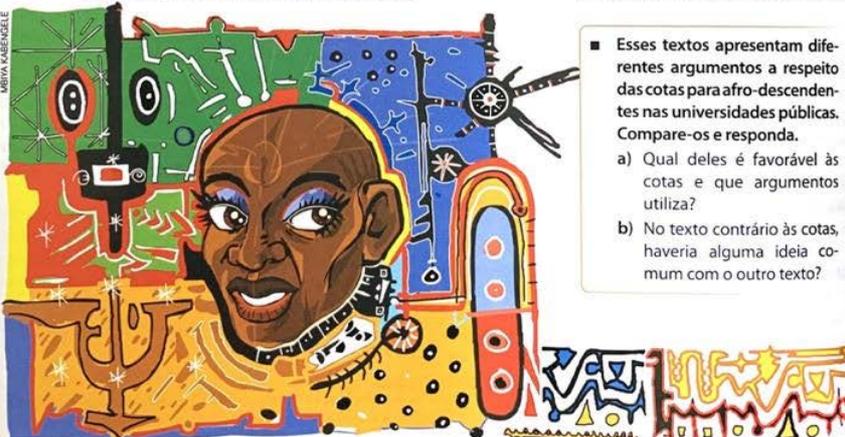


Figura 10. Estudo de Caso “As cotas para afrodescendentes na universidade pública”. Fonte: Editora Moderna, 2008.

10. FINALMENTE, O LIVRO DIDÁTICO CONSIDERA AS MATRIZES ORIUNDAS DA ÁFRICA COMO VERDADEIRAS REFERÊNCIAS DA FORMAÇÃO DA SOCIEDADE BRASILEIRA?

Não há nenhuma menção sobre nenhuma matriz africana, tampouco propõe qualquer juízo de valor acerca do tema. É notável que esse tópico passou totalmente despercebido pelos autores, uma vez que, mesmo tendo a oportunidade sob diversos

momentos, este não tenha sido utilizado em nenhum momento ao longo das exatas 600 páginas que esse volume único, nem mesmo em apêndices tais como durante o apanhado fotográfico do Dossiê que acompanha o final da edição.

Infelizmente, o assunto poderia ter sido utilizado sob diversas perspectivas e enriqueceria o conhecimento dos alunos sobre a vivência e sua inserção no modo de vida cotidiano. A promoção de invisibilidade desses saberes apenas beneficia o sistema ruminante e é um ponto bastante problemático para um livro de exposição da ciência geográfica totalmente ignorar uma parte da história não só africana, mas de todo Brasil, uma vez que o país está fortemente inserido nessas dinâmicas territoriais que transcendem a distância física.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que se vê durante a análise do livro didático Conexões foi a tentativa falha de abordar com clareza e sem distinção todos os aspectos da geografia brasileira e mundial, uma vez que em diversos momentos os autores caem em ciladas mentais e acabam por reforçar estereótipos de raça.

Vê-se que muitos dos temas aqui analisados foram trabalhados de forma bastante resumida e sem dar nenhum aprofundamento. A atividade escravista no Brasil Colônia, por exemplo, foi abordada diversas vezes por seu caráter puramente econômico, sem entrar em detalhes sobre os agentes participantes dessa dinâmica.

Não houveram atividades que propusessem o aluno ou professor criar debates sobre religiões ou pensar o continente africano na contra-mão de conceitos que reforçam estereótipos de raça ou região. Ao contrário, por vezes, embora sutilmente, o próprio livro usou-se desses mecanismos para reafirmar esses conceitos. A população afro-brasileira foi bastante citada sob o aspecto de utilização de mão de obra escrava.

O racismo e discriminação, embora mencionados, não tiveram seu real protagonismo mencionado na manutenção de dinâmicas de exclusão e desigualdade social, necessitando que o professor e as turmas se debruçem de material de terceiros para conseguir propor o debate sobre essa temática de maneira satisfatória.

Ainda nesse tocante, ficou visível o apagamento de agentes de insurgência negra ao longo da história do país, não foi mencionado muitos personagens negros além daqueles que já são os mais difundidos na sociedade — por exemplo, durante o parco estudo sobre os quilombos, apenas o Quilombo dos Palmares veio a tona, quando ainda hoje existem centenas de milhares de rostos e figuras importantíssimas para o movimento que, mais uma vez, sofreram de apagamento.

Seria fundamental que esses erros tivessem sido mais atentados durante a escrita e revisão desse exemplar, uma vez que o Brasil africano não mostrou-se de forma eficiente para um livro didático que é voltado para uma faixa etária de adolescentes que já tem capacidade cognitiva o suficiente para valer-se dessas ideias e, por não serem introduzidas ao tema, possuem cada vez mais dificuldades para entender o mundo a sua volta de maneira exata, com todos seus problemas sociais que demandam soluções.

A ciência geográfica com sua dinamicidade entre o físico e o humano possui a oportunidade de enxergar o mundo de maneira plena, de um lugar que poucas ciências conseguem contemplar. E, com isso, o estudo da óptica africana no tocante da geografia é de imprescindível necessidade para os estudantes, sobretudo aqueles que estão adentrando no ensino médio e, posteriormente, serão cidadãos brasileiros que terão o dever cívico de lutar contra a opressão do sistema racista em vigência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

TERRA, Lygia. ARAÚJO, Regina. GUIMARÃES, Raul Borges. **Conexões: estudos de geografia geral e do Brasil: volume único**. 1. ed. — São Paulo: Moderna, 2008.

Dorren Massey. **Pelo espaço**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. p. 29-30.

IBGE. **Síntese de indicadores sociais**. 2007. Rio de Janeiro: IBGE, 2008.